

Resenha

Desenvolvimento Capitalista e Mudanças Culturais: o significado de Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas

Lucas Maia *

Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas, publicado em 2019, de Nildo Viana, é sem sombra de dúvidas umas das melhores obras publicadas recentemente. A leitura do livro permite identificar todo o trabalho, pesquisa, dedicação, envolvimento (não com qualquer projeto, mas com a emancipação humana, o verdadeiro projeto) do autor.

Já havia lido seu livro anterior *O Modo de Pensar Burguês*, publicado em 2018. Pode-se dizer que o primeiro livro é a base teórica e o segundo, *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas*, é o desenvolvimento histórico, desvelado teoricamente no primeiro livro. Contudo, em vários momentos de *O Modo de Pensar Burguês*, dado o nível de desenvolvimento teórico, ficamos a nos perguntar onde aqueles conceitos nos seriam úteis. Da mesma feita, em vários momentos também, ficamos um pouco desorientados em meio a tantos novos conceitos, todos bem fundamentados, mesmo assim, muitos. Trata-se de um livro profundo, rico em conceitos, que exige um preparo intelectual do leitor. Ao terminar de ler *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas*, percebi que a verdadeira compreensão de *O Modo de Pensar Burguês* passa pela leitura do segundo. *O Modo de Pensar Burguês* realiza-se em *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas*.

Contudo, ao tratar de conteúdos tão históricos como os discutidos em *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas*, não se gasta nenhuma página do livro em descrições empíricas, que além de engordar a quantidade de páginas dos livros, de nada servem para explicar qualquer coisa. *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas* está muito além das pesquisas historiográficas. Ao tratar das mutações culturais no capitalismo, o livro não se perde em descrições de autores, teses, correntes filosóficas, obras etc. Apesar de realizar este trabalho. O livro não pode ser encaixado naquilo que se chama geralmente de “história

* Professor do Instituto Federal de Goiás - IFG. Militante autogestionário. Doutor em Geografia. Pós-doutor em Sociologia. Autor dos livros *Comunismo de Conselhos e Autogestão Social* (Rizoma Editorial, 2018); *As Classes Sociais em O Capital* (Edições Redelp, 2020); *Nem Partidos nem Sindicatos: a Reemergência das Lutas Autônomas no Brasil* (Edições Redelp, 2016) entre outros. E-mail: maiaslucas@gmail.com

das ideias”, “teoria do conhecimento” etc. Da mesma feita, ao tratar de temas filosóficos, compreende de tal maneira o enraizamento social das ideias, ficando assim acima da postura costumeira dos filósofos. Ao tratar das várias ideologias sociológicas, demonstra que não tem nenhum compromisso corporativista com esta ciência (sua formação acadêmica e profissional), visto nenhum sociólogo (nem a Sociologia) saírem ilesos das contundentes críticas (com raríssimas exceções).

Quem quiser compreender o sentido radical da categoria dialética de “historicidade” deve ler esta obra. Ali, nenhuma ideia, nenhum autor, estão acima da história, das relações sociais, dos compromissos de classe (e outros). A radicalidade da compreensão histórica, o rigor na historicização dos processos sociais, das ideias, paradigmas, ideologias etc. é realmente um elemento a ser destacado no livro. No final das contas, conseguimos perceber (ampliação do campo perceptivo, para utilizar aqui este conceito presente na obra) que a sociedade capitalista produziu várias “humanidades” diferentes. Sei que a frase é exagerada, mas é exatamente esta a impressão que se fica quando se termina a leitura do texto. Eis a riqueza do uso que o autor faz da ideia de “especificidade histórica”, categoria dialética empregada primeiramente por Karl Korsch.

Para uma correta e mais profunda compreensão deste livro, recomenda-se amplamente a leitura dos textos do autor que tratam da história do desenvolvimento capitalista (*Estado, Democracia e Cidadania; O Capitalismo na Era da Acumulação Integral*), que se dá a partir da sucessão dos regimes de acumulação. Contudo, em *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas*, há um enriquecimento da teoria dos regimes de acumulação em relação às obras anteriormente citadas. O desenvolvimento que Viana faz de sua teoria dos regimes de acumulação é outro ponto alto do livro. Por exemplo, as análises, em que pese muito breves, sobre os regimes de acumulação estatal e bélico são realmente algo a se colocar em pauta.

A discussão sobre estes regimes de acumulação já aparecia timidamente, em nota de rodapé, nos textos anteriores, que discutem mais amplamente a sucessão dos seguintes regimes de acumulação (extensivo, intensivo, conjugado, integral). Neste livro, contudo, há um primeiro desenvolvimento teórico mais consistente. Certamente, demandam desdobramentos, mas a trilha já foi traçada. A partir do já estabelecido, podemos, nós também, fazer avançar algumas fronteiras. Esta compreensão sintética, mas profunda, já demonstra o nível do autor. Isto, na verdade, é a cara geral deste livro. Há, por parte de Nildo

Viana, uma compreensão global do processo de desenvolvimento capitalista e como isto repercute na produção intelectual. Sua compreensão global lhe permite transmitir com muita clareza tal processo.

Aqui é necessário ainda pontuar mais um elemento. A erudição apresentada no livro é impressionante. O volume de autores, ideologias, teses, conceitos (ou construtos), que o autor domina e consegue situar dentro de um dado momento do desenvolvimento histórico do capitalismo é realmente significativo. Contudo, não se trata de um conhecimento enciclopédico, tal como um professor de filosofia ou sociologia do ensino médio a tratar de teses de alguns dos principais nomes da filosofia, sociologia e outras especialidades. Trata-se de uma compreensão de cada tese, de cada ideologia dentro de determinado contexto, a partir de determinadas exigências feitas à burguesia (o que o autor chama de “tarefas políticas e econômicas”) e como cada uma delas está determinada primeiramente pela episteme burguesa e como em cada momento histórico os paradigmas determinam a forma dos intelectuais desenvolverem suas ideias.

Esta tese, embora presente no marxismo há muito tempo, recebe um tratamento específico em seu texto que esclarece a questão de tal modo que elimina toda a possibilidade de confusão e ambiguidade. Esta tese, contudo, não só retoma uma discussão marxista. Pelo contrário, a faz avançar. Ao cunhar os conceitos de episteme, paradigmas, campos mentais (campo axiomático, linguístico, analítico e perceptivo), a compreensão do processo se esclarece cristalinamente. O livro *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas* é a realização deste projeto.

Mas voltando à questão da erudição, é necessário chamar a atenção para duas coisas: a) a extensividade do que é apresentado. O conjunto de autores e ideologias apresentados é enorme, o que demonstra que o autor faz o que defende. O livro é a comprovação de que o marxismo rompe definitivamente as barreiras da divisão capitalista do trabalho intelectual; b) profundidade. Apesar da variedade de áreas do conhecimento (filosofia, sociologia, historiografia, história das ideias, história da filosofia, antropologia, psicologia, teoria da arte, psicanálise etc.) e do tempo histórico longo analisado (do renascimento até a contemporaneidade), a compreensão dos autores revela uma clareza muito grande sobre o significado de cada um deles no desenvolvimento das ideias ao longo da história do capitalismo. Aqui se apresenta concretamente a crítica marxista à divisão do trabalho intelectual. Isto não é fácil de ser feito. Contudo, Viana realiza esta abordagem

adisciplinar das mutações culturais no capitalismo, de forma extensiva e profunda, demonstrando amplo conhecimento dos autores, ideologias em cada um dos paradigmas abordados. Se este livro não tiver o reconhecimento que merece, só por isto já cumpriu este importante objetivo, qual seja, demonstrar concretamente como o marxismo é *adisciplinar* por definição.

Ao contrário de *O Modo de Pensar Burguês*, que é árido em vários momentos, apesar dos esforços do autor em se fazer claro e entendido, *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas* é de leitura muito mais fácil. É quase didático. Naturalmente que isto tem a ver com os temas de cada um dos livros. O primeiro mais teórico, o segundo, histórico. Embora os dois elementos não se separem em nenhum dos dois livros. O que há é predomínio de um ou outro em cada um dos textos.

Por último, além da clareza na exposição, o que demonstra conhecimento rigoroso sobre os temas, há seu compromisso humanista com a possibilidade concreta de revolução proletária e realização humana. A liberdade com que escreve, apesar do rigor da pesquisa, é um elemento a ser pontuado. Isto denuncia duas coisas: a) a coragem do autor em fazer a crítica desapiedada do existente, para lembrar expressão de Marx; b) um escrupuloso compromisso com a verdade. Este último ponto está diretamente relacionado com o humanismo radical, defendido pelo autor em várias outras obras, ou seja, com sua perspectiva de classe, com seus interesses (políticos, teóricos, com a emancipação humana) etc.

A discussão obedece a seguinte sucessão de capítulos: “*A formação da episteme burguesa*”, onde se apresenta a relação entre acumulação primitiva de capital e ideologias na gênese do capitalismo; “*Regime de acumulação extensivo e delineamento da episteme burguesa*”, no qual é abordado o papel da cultura nas revoluções burguesas; “*Regime de acumulação intensivo e paradigma positivista*”, onde a face decadente da burguesia como classe dominante já está mais explicitada e o significado de suas ideologias como forma cultural de reprodução da dominação estão já bem claros. Destaque deve ser ao surgimento do marxismo, como episteme que se antagoniza à episteme burguesa; “*Regime de acumulação estatal e paradigma vanguardista*”, onde se discute a tese do capitalismo de Estado, o papel de dominação da burocracia e das ideologias que emergem quando a burguesia e a burocracia se fundem num único processo de dominação; “*Interlúdio: as revoluções proletárias inacabadas*”, momento em que o autor aponta o significado das

revoluções como processo de revigoração do próprio marxismo, destacando sobretudo as revoluções russa e alemã e sua importância na emergência do comunismo de conselhos; “*Regime de acumulação bélico e paradigma organicista*”, aqui o autor demonstra que em momentos de crise, a classe capitalista não titubeia em empregar métodos bárbaros, como a guerra, mas o mais importante é apresentação da relação entre tal momento e a criação cultural conservadora, como o nazismo e o fascismo, ideologias pré-guerra; “*Regime de acumulação conjugado e paradigma reprodutivista*”, onde se discute com maior clareza o que o autor denomina de “política cultural”, forma consciente de a burguesia exercer sua hegemonia no conjunto da sociedade; “*Regime de acumulação integral e paradigma subjetivista*”, onde se discute a fase atual do capitalismo e o papel do paradigma subjetivista na reprodução do atual regime de acumulação. Destaque há que ser feito ao último tópico do artigo, no qual é discutido o marxismo autogestionários como crítica ao paradigma subjetivista, bem como a todas as ideologias burguesas.

Este livro é, portanto, obra fundamental a todo aquele que queira compreender a força e significado das ideias na constituição e reprodução da realidade existente. A exploração e dominação é deveras uma força bruta, sem a qual não pode se sustentar por muito tempo. Porém, o que *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas* demonstra é exatamente o papel da cultura, sobretudo do pensamento complexo (ciência, filosofia, jurisprudência etc.) no processo de dominação e exploração. Esta é, sem dúvidas, a maior riqueza deste texto.

Se o livro for lido por outros setores, que não somente os indivíduos vinculados ao bloco revolucionário, causará grande mal-estar. Também, se não for lido nem comentado pelos indivíduos dos blocos progressista e conservador, o silêncio sobre ele também denunciará, na verdade, a força das ideias ali contidas.